



## Feira livre de Rio Largo/AL, Brasil: origem, tradição e rupturas

### Rio Largo/AL open market, Brazil: origin, tradition and ruptures

Página | 1007

**Bianca da Silva Souza<sup>1</sup>; Cirlene Jeane Santos e Santos<sup>2</sup>;  
Edjane Ferreira da Silva<sup>1</sup>; Ewerton Danilo Gomes Tenório da Silva<sup>1</sup>;  
Kallyne Teixeira Santos<sup>1</sup>; Maria Patrícia da Silva<sup>1</sup>;  
Radjalma Almerino dos Santos<sup>1</sup>**

<sup>(1)</sup>Pesquisadores dos cursos Geografia Licenciatura e Geografia Bacharelado da Universidade Federal de Alagoas. E-mails: bianca.silva@igdema.ufal.br; edjaneferreira.9@gmail.com; ewerton.silva@igdema.ufal.br; kallyne.santos@igdema.ufal.br; patydasil@hotmail.com; radjalmadossantos123@gmail.com.

<sup>(2)</sup>Docente da UFAL e coordenadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO). Bacharel e Licenciada e Mestra pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutora em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: cirlene@igdema.ufal.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 01 de março de 2020; Aceito em: 05 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright © Autor, 2020.

**RESUMO:** O artigo versa sobre a transferência de localidade da feira-livre na organização do espaço da cidade de Rio Largo, Alagoas considerando a evolução geo-histórica do município e dessa atividade, além dos aspectos de distribuição, socialização dos que dela se beneficia e origem da mercadoria. A metodologia versou sobre fases de apanhado teórico, obtenção de dados por meio de entrevista e sistematização dos resultados da amostra. Ademais, se considera as feiras-livres como fenômenos econômicos e sociais antigos que remontam aos primeiros agrupamentos humanos. O objetivo da pesquisa em tese é identificar se os feirantes estão satisfeitos com a mudança de localidade. Dentre os resultados encontrados, observou-se que há algumas indagações negativas feitas pelos feirantes sobre a infraestrutura do local, estas que serão apresentadas no decorrer do artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feira-livre; espaço; comércio; Rio Largo.

**ABSTRACT:** The article deals with the transfer of locality from the street market in the organization of the space of the city of Rio Largo, Alagoas considering the geo-historical evolution of the municipality and this activity, in addition to the aspects of distribution, socialization of those who benefit from it and origin of the goods. The methodology dealt with phases of theoretical survey, obtaining data through interviews and systematizing the sample results. Furthermore, fairs are considered to be ancient economic and social phenomena that date back to the first human groups. The purpose of the thesis research is to identify whether the marketers are satisfied with the change of location. Among the results found, it was observed that there are some negative questions made by the marketers about the infrastructure of the place, these that will be presented throughout the article.

**KEYWORDS:** Free market; space; trade; Rio Largo.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho permitiu conhecer a relação do espaço urbano em função da sociedade, a partir da feira livre que foi o nosso objeto de estudo, na qual tivemos o objetivo de traçar o histórico da feira, buscando analisar as características do recorte atual em que a referida se encontra, levando em consideração a importância que a mesma apresenta para a Cidade de Rio Largo.

Desse modo, considera-se as Feiras como sendo fenômenos econômicos sociais muito antigos e já eram conhecidas dos gregos e romanos. Entre os romanos, por causa das implicações de ordem pública que as feiras tinham, estabeleceu-se que as regras de sua criação e funcionamento dependiam da intervenção e garantia do Estado (SANTOS; MACHADO; GUMIERO, 2011). Assim, Ferreira (1999) trata feira como dia de festa.

As feiras livres, são consideradas as formas mais antigas e tradicionais de comercialização de produtos agropecuários ou hortifrutigranjeiros, se originaram na antiguidade, com a troca do excedente da produção entre os produtores que, mais tarde, passaram a comercializá-los em troca de dinheiro (SOUSA, 2004 apud VASCONCELOS FILHO, 2019).

Nesse sentido, Santos; Machado; Gumiero (2011, p. 8) assinala que:

Durante o período feudal, as feiras, que eram muito frequentadas na antiguidade, perdem parcialmente seu significado, pois a economia que era desenvolvida nos feudos era de subsistência, ou seja, os feudos eram autossuficientes, produziam quase tudo que era necessário para o consumo dos senhores feudal e dos servos. Naquele período quase não se utilizava a moeda, o comércio ocorria na base das trocas de mercadorias. Com a formação de excedentes de produção nos feudos esse intercâmbio se intensifica entre os feudos. Com as sobras de uns e a falta de outros, surge a necessidade de se criar um espaço para a realização dessas trocas, ressurgem então a feira como local de trocas de mercadorias.

Segundo os referidos autores, a feira exerce um papel de extrema importância na consolidação de um espaço de trocas de mercadores. Esse espaço que interliga campo e cidade acompanhou a demanda econômica que surgiu a partir da necessidade de organização de uma área dedicada ao comércio.

As feiras livres existem no Brasil desde o tempo da colônia. Apesar dos "tempos modernos" e dos contratemplos que elas causam em grandes cidades, elas não desapareceram. Em muitos lugares no interior do país elas são o principal e, às vezes,

o único local de compra e venda de mercadorias da população. Muitas vezes elas funcionam também como centros culturais e de lazer (SANTOS; MACHADO; GUMIERO, 2012)

Essas gradativamente foram se constituindo em uma ampla rede de sociabilidade, dos feirantes entre si, dos feirantes e seus consumidores. Os encontros nas feiras se consolidaram, já que ocorriam regularmente, fortalecendo e estreitando laços.

As feiras estão presentes na maioria das cidades brasileiras e são consideradas como uma atividade cultural (MOREIRA, 2005). Nesse sentido, os dias atuais desempenham o importante papel de abastecimento urbano, mesmo com tantas dificuldades devido ao aumento do comércio varejista nas cidades realizado nas lojas de múltiplos serviços e, conseqüentemente, à crescente concorrência de mercado.

Também desempenham importante papel para o campo, pois essa atividade representa uma possibilidade para os camponeses escoarem a mercadoria excedente da sua produção. Segundo Moreira (2005), é nesse espaço que se desenvolvem a relação entre campo e cidade, em que gênero de vida e modo de vida se organiza centrado nos respectivos modos de produção.

Este trabalho teve como objetivo estudar aspectos da feira livre do município de Rio Largo, resgatar fatos históricos sobre a cidade e a importância da feira livre, sua formação e desenvolvimento, evidenciando a realidade dos feirantes, buscando apresentar as relações de trocas que ocorrem no desenrolar da feira, além de identificar e analisar as perspectivas dos feirantes após serem realocados.

Os procedimentos metodológicos pautaram-se em levantamento bibliográfico sobre o tema, visita exploratória de campo, entrevistas e aplicação de questionários. Nesse, procurou-se respostas a algumas questões norteadoras tais como: Quais produtos são comercializados pelos feirantes? Qual o perfil dos feirantes (distribuição em termos de gêneros e faixa etária)? Qual a relação com a prefeitura? Quais as suas percepções sobre a feira, suas dificuldades e anseios? Foram aplicados 36 questionários de forma aleatória, cujo objetivo fundamentou-se em termos um entendimento mais amplo sobre a realidade da Feira.

A seguir, discorreremos um breve histórico do município e posteriormente seguimos o trabalho com a caracterização da antiga e a atual da Feira de Rio Largo, fazendo o recorte geográfico da área anterior e área atual da referida feira. Assim como

uma caracterização da realidade desses feirantes, origem das mercadorias ali vendidas e suas percepções.

## **BREVE HISTÓRICO: ORIGEM E EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE RIO LARGO**

A Vila de Rio Largo foi criada por um decreto de 10 de dezembro de 1830, tem este nome por causa de um engenho de açúcar, que existiu no local onde o rio Mundaú tinha a maior largura. A história da cidade tem seus primórdios, a de Santa Luzia do Norte, onde na mesma a estrada de ferro, não passava em Santa Luzia, fez com que fosse direcionado o desenvolvimento para o local, onde havia trechos de pequenos encachoeiramentos do rio mundaú sendo favoráveis a aquele tipo de atividade fabril, é com isto às margens da ferrovia, onde foram instaladas indústrias têxteis pertencentes à Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos isto aconteceu no final do século XIX que a partir disto se deu seu desenvolvimento justamente por causa de seu polo industrial (Biblioteca - IBGE, 1957-1964).

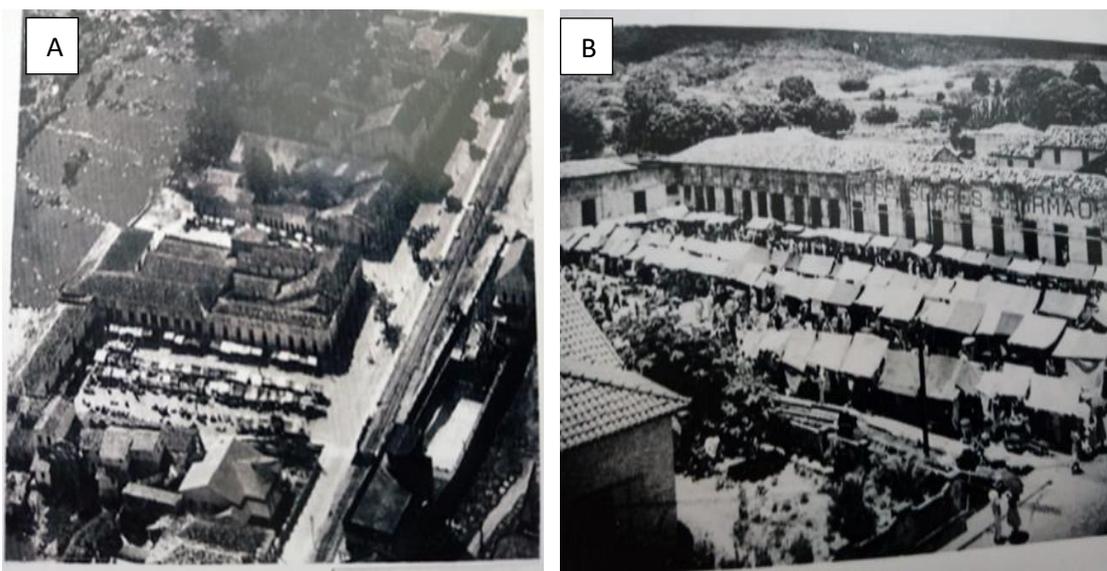
É válido ressaltar também que nesse período aconteceu o surgimento da usina Leão, que começou a moer em julho de 1894 e assim ela tornou-se, naquela época, uma das maiores do setor em toda a América Latina. No dia 15 de julho de 1915, Rio Largo ganha o status de Cidade, mas continuou pertencendo à Vila de Santa Luzia do Norte, até que no em 31 de março de 1938 torna-se Município. Se estender por 306,3 km<sup>2</sup>, contando com 68.481 hab. segundo o Censo de 2010. Sendo vizinho dos municípios de Satuba, Messias e Pilar, situa-se a 25 km ao Norte-Oeste de Maceió (Biblioteca-IBGE, 1957-1964).

O município conta com as festividades de carnaval com desfile de blocos, as festas juninas com forró ao ar livre, a festa da Emancipação Política em 13 de julho, a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição de 08 a 13 de dezembro e as festas natalinas com a participação de folguedos populares como pastoril, reisado e chegada. Outro destaque importante do município é sua Feira Livre que acontece aos sábados e domingos, esta será objeto de apreciação ao longo desse artigo.

## CARACTERIZAÇÃO DA FEIRA: ANTIGA E ATUAL

Em Rio Largo, relatos de moradores trazem o ano de 1913 como pioneiro das práticas de venda ligada a linha férrea da Estação Gustavo Paiva (figura 1-A). Haja vista que auxiliava tanto o traslado de mercadoria da capital alagoana e fora do estado, quanto dos feirantes, sejam os ligados aos atravessadores ou o camponês em busca de melhoria para o campo. No entanto não funcionava somente nessa região, sendo assim, aos sábados o ponto era na rua 1º de Janeiro e aos domingos no centro da cidade. Assim, nota-se na figura 1(B) o pátio da feira em meados da década de 70, que hoje, reside à nova feira, mas nem sempre funcional nessa localidade, havendo transições de localidades.

**Figura 1 A e B.** Feira livre em meados da década de 1970.



Fonte:Acervo pessoal de José Amaro, 2020.

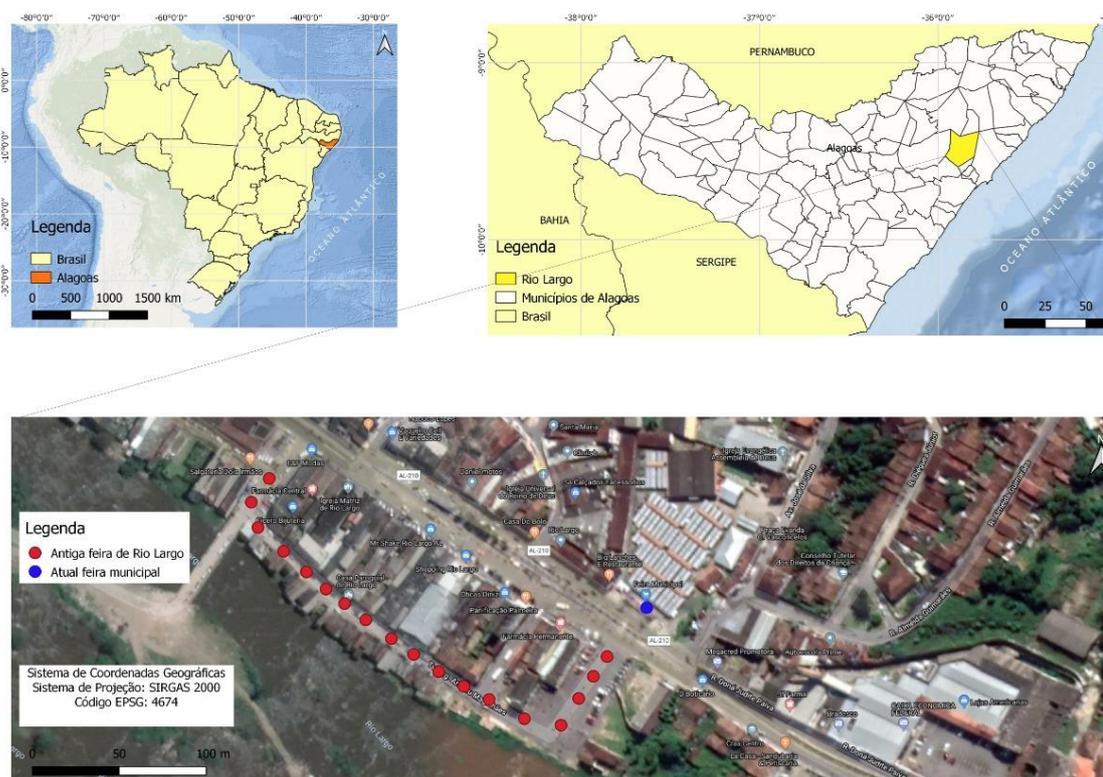
Nesse sentido, na atualidade, há uma subdivisão baixa e alta no trajeto do VLT (Veículo Leve sobre Trilho) na parte central de Rio Largo. A primeira fica próxima a margem do Rio Mundaú (figura 3) que banha o município onde ficava a feira anterior a nova. A segunda se concentra a Feira de Rio Largo, projeto que os feirantes lutaram

SOUZA, Bianca da Silva; SANTOS, Cirlene Jeane Santos e; SILVA, Edjane Ferreira da; SILVA, Ewerton Danilo Gomes Tenório da; SANTOS, Kallyne Teixeira; SILVA, Maria Patrícia da; SANTOS, Radjalma Almerino dos

58 anos para ter um espaço limpo e organizado. Assim, de acordo com SATO (2007), feira representa festa, visto que o significado dela na Idade Média era conectado as festas religiosas com momentos fraternos e de vendas com pessoas de vários locais, hoje tem-se esse espaço como ponto de encontra de vendas.

A utilização da rua em feiras livres é uma socialização cultural que faz parte da linguagem urbana (MASCARENHAS, 2008). Desse modo, a feira antes de Rio Largo ocupava uma travessa extensa e dois pátios laterais, como vimos na figura 3. Na pesquisa de campo foi possível obter dados em relação a valores absolutos de 2017 que, segundo a fiscalização no centro de apoio atual aos feirantes, a feira na localidade baixa tinha total de 357 feirantes e 367 bancas, sem contar com lojas que cercavam essas mediações , galeria com setores variados (lanchonete, costureira, bar, mercado, venda de painéis), vendedores ambulantes e, ainda, uma praça pública.

**Figura 2.** Recorte da área anterior e atual da feira de Rio Largo.



Fonte: Os autores, 2020.

Ainda de acordo com a pesquisa de campo, foi possível identificar a situação de precariedade. Tendo em vista que por ser banhada pelo Rio Mundaú, sofria com as

enchentes periódicas e por ser de barro durante o bom tempo, a lama se fazia presente. Logo, reclamações sobre fungos no pé foram observadas, como a frieira.

Após a última enchente elevada de 2010, políticas públicas foram acionadas. Pois, por ter sido uma catástrofe, destruiu até os vagões dos trilhos. Assim, a feira antiga se localizava em uma planície de inundação e, depois do evento, a população foi removida para outro local aliado a edificações destruídas. Nesse sentido, Andrade (2006) apresenta a teoria de fuzzy para analisar possíveis áreas de risco favorável a inundações, assim, estudos como esse são importantes, principalmente em localização que é habitada, como no caso da antiga feira livre de Rio Largo.

Essa nova localidade funcionava como estacionamento, fazendo parte de um projeto antigo para ceder a Feira Municipal que fica na subdivisão alta. No entanto, depois da transferência, possuía apenas o piso e estrutura de barracas de madeira com lona se manteve. Nesse sentido, os feirantes passaram a pressionar ainda mais os poderes públicos municipais, visto que havia 50 anos do plano para um nova feira e posterior a enchente de 2010, a população ficou esperançosa para não só novo espaço prometido, mas também a infraestrutura adequada.

Após o inverno, os feirantes foram deslocados para o antigo local. Visto que o espaço cedido posterior a enchente de 2010, seria estruturado para a Feira Municipal. Dessa forma, a utopia passa-se se tornar real.

**Figura 3.** Faixada da nova feira municipal.



Fonte: Os autores, 2020.

No dia 23 de março de 2018 houve a inauguração da Feira Municipal. Depois de 58 anos em situações de calamidade, esse espaço de vendas, prometia uma melhoria para todos que trabalham no ramo. Sendo assim, as mudanças trazem consigo benefícios tantos para cliente quanto para feirante (Bezerra, 2019). Logo, pode-se observar na figura 4 a fachada da atual feira livre.

A principal mudança positiva foi a higiene e organização, contando com uma nova categoria de vendas, o artesanato, este que o objetivo foco era trazer turistas para movimentar ainda mais esse espaço e auxiliar a cooperativa artesã local. Dessa maneira, a quantidade de barracas se expandiu para 489 bancas e 439 feirantes segundo a fiscalização de apoio aos feirantes. Assim, o aumento de bancas se deu por conta do aproveitamento do espaço, focando em bancas de mesmo tamanho, tendo a nova instalação 122 novos espaços.

A arrumação de feiras livres em galpões por sessões vem das próprias feiras livres de ruas, entretanto no primeiro, essa vertente é mais organizada. Porém, Sato (2007), destaca que a convivência dos feirantes, no segundo caso, possibilita acordos estabelecidos entre os mesmos de territorialidade a depender dos produtos. Logo, nota-se na estrutura atual divisores semelhantes.

**Figura 4.** Sessão de ferramentas enfrente a de lanches prontos.



Fonte: Os autores, 2020.

Assim, sessões foram observadas na nova localidade da Feira de Rio Largo (figura 5), como hortaliças que ocupa a maior parte do espaço e sessões menores a exemplo de ferramentas, variedades, condimentos, bolos e bolachas, lanches prontos e, além dessas, outras ficam separadas como a de farinha aliado a de peixes secos e crustáceos ao lado, já carne bovina, carne suína, frango e peixe se concentram no Mercado municipal ao fundo da feira. Ademais, tem banheiros junto a ponto de apoio aos feirantes e, ainda existem, estabelecimentos variados em forma de box na rua fechada ao lado da feira municipal, tem-se lanchonetes, restaurante, casa de costura e venda de sacolas plásticas.

## **PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES SOBRE A NOVA LOCALIDADE**

Através da pesquisa de campo, foi possível identificar pontos importantes sobre o que os feirantes, principais atores, estavam pensando a respeito à Feira de Rio Largo. Desse modo, segundo Mascarenhas (2008) a rua como ponto de encontro é algo tradicional das feiras livres, no entanto, em um ambiente fechado que se encontra atualmente os feirantes, sentem-se a perda da identidade de uma feira livre.

Referente a atual organização, o posicionamento é que positivo. Tendo em vista que não há mais contrariedade com as enchentes periódicas ou barro, vale ressaltar que após a retirada dos feirantes do antigo local, as ruas que habitava a feira, foram

asfaltadas e os estabelecimentos que ali existiam, foram derrubados, o que gerou inquietude dos comerciantes que, segundo alguns entrevistados, estão lutando por um novo espaço. Logo, o sentimento de alívio para os feirantes nesse sentido é notado, mas para quem trabalhava naquelas imediações, não.

Além disso, a higiene, também ressaltada pelos feirantes, esteve relacionado como favorável para o novo ambiente. Haja vista que fungos nos pés não é algo mais corriqueiro. Assim, a vida dos trabalhadores passou a ser amena.

Toda via, nesses dois anos de inauguração, manutenções não foram feitas, o que levou aos desgastes de alguns pontos da infraestrutura. Nesse sentido, em algumas sessões o teto como vimos da figura (5), não existe mais, pode-se analisar na figura 6 lonas colocadas pelos próprios feirantes. Logo, outro ponto em destaque é a altura do teto, por ser muito baixo, dificulta a ventilação, causando calor, além de ser de um material plastificado, facilitou a degradação mais rápida da estrutura.

**Figura 5.** Lona colocada pelos feirante na nova feira.



Fonte: Os autores, 2020.

Outro viés observado na pesquisa de campo está ligado a drenagem no piso. Tendo em vista ser do antigo estacionamento. Assim, o acúmulo de água é frequente e segundo os feirantes, piora nos meses de junho e julho por conta das chuvas de inverno, gerando uma camada pastosa esverdeada que já causou escorregos/ queda na população que ali frequenta.

Em resposta a esse descaso, na entrevista do fiscal da feira, houve afirmação que em fevereiro iria haver um levantamento das coisas que precisam ser readequadas. Porém, foi possível analisar na pesquisa de campo que há mais de 8 meses os próprios feirantes vão ajustando seu local de trabalho.

Ademais, em relação aos rendimentos, na pesquisa de campo foi quase unânime entre os feirantes o resultado que o movimento diminuiu. Logo, 90% da população que trabalha da feira afirmaram que a clientela diminuiu com a mudança de local, alguns da sessão de variedade (roupas), ainda frisaram que não conseguiram sobreviver mais somente na feira, optando por outras atividades. Tendo analisado as relações culturais de feira na rua já ressaltada nesse trabalho, há uma quebra no tradicionalismo que possa a vim justificar essas modificações na renda adquirida na feira pelos feirantes ou questões voltadas para o aumento de estabelecimentos comerciais no município. Tem-se também destaque para quantidade de bancas superior a antiga feira, causando mais distribuição da demanda em suas ofertas.

Outro ponto em destaque foi a forma que ocorreu a distribuição das bancas para os feirantes. Visto que por ter mais espaço para novos feirantes, os antigos não deveriam ser prejudicados nesse sentido. Entretanto, ocorreu de pessoas que desenvolvem atividades na feira a mais de 20 anos, ter ficado seu local de trabalho.

Além disso, foi observado características hereditárias em relação as barracas. Muitos pais em uma banca e seus filhos distribuídos cada um em uma barraca. Assim, relações familiares de socialização da profissão é relacionada com as práticas citadas por Wanderley (2003) quando em seu trabalho cita a socialização do camponês com seus filhos.

Por fim, a luta dos feirantes continua, não só para ter um ambiente mais assíduo/ameno, mas também ter seu espaço, seja dentro da Feira de Rio Largo ou diante de obstáculos com seus fornecedores.

## PERFIL DOS FEIRANTES

Os feirantes são a alma da feira, eles têm diferentes crenças, idade, escolaridade, cor e composição familiar diferentes. A variedades de produtos vendidos por ele é diverso, vai de horticultura a roupas. Há tipos diferentes de feirantes São feirantes

“produtores” aqueles que produzem a mercadoria que vendem, ou a maior parte dela (GODOY, 2005); são feirantes “comerciantes”, “intermediários”, “mercadores” (VALENÇA, 2016), ou ainda “mercadantes”, quando compram e revendem produtos. Na feira da cidade do Rio Largo foi observado os dois tipos de feirantes, muitos deles além de produzir a sua própria mercadoria ainda compra de terceiros as mercadorias que são vendidas na feira.

A feira do Rio Largo possui 439 feirantes distribuídos em 489 barracas distribuídos na parte interna e externa da feira, entrevistamos 38 feirantes e partir dos dados capturados nas entrevistas montamos algumas tabelas que indica os dados que será demonstrado posteriormente. Nesse sentido, a tabela 1 mostra os dados coletados com a faixa etária dos feirantes entrevistado, juntamente com a proporção por sexo. Foi analisado da amostra a média de idade dos feirantes da área é de 50,8 anos, sendo do sexo masculino 42 % e feminino 58%. Logo, por meio esse nicho de entrevistado, é possível notar o sexo feminino atuando mais sobre o sexo masculino com 16 % a mais.

**Tabela 1.** Faixa etária dos feirantes do Rio Largo

<b>Faixa etária</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Menos de 30	4	5
De 31 a 45	2	7
46 a 60	8	6
acima de 70	2	4
<b>Total (%)</b>	<b>42</b>	<b>58</b>

Fonte: Os autores, 2020.

No local atual da feira os feirantes tem estas características, o feirante fixo, todo o tempo no mesmo mercado e ponto de venda, que definitivamente não é produtor; vende produção alheia, denominado às vezes de atravessador (GODOY, 2005). Isso se deu pela mudança do local da feira que antes era a céu aberto e o local não apresentava condições mínimas de estrutura e higiene, com que mudança da feira para um lugar mais estruturando os feirantes passaram até diferentes características tanto no produtos que é vendido como o modo de frequência, passaram de feirantes não fixo para feirantes fixo com bancas e estrutura para acomoda-los.

A feira geralmente é único modo de tirar o sustento das famílias que ali realiza suas atividades profissionais. Logo na tabela 2, observa que os feirantes entrevistados apresentam 76% que não possui outro trabalho e vivem somente com os lucros das vendas e aposentadorias e outros 24% demonstraram que trabalham realizando atividades paralelas da feira para complementar a renda.

**Tabela 2.** O feirante tem mais de um emprego

<b>Realiza outra atividade econômica?</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
	9	29
Total %	24	76

Fonte: Os autores, 2020

Dessa forma, os feirantes que tem outras atividades extrafeira, diversificam a forma de captar seus lucros e não ficam dependentes somente da feira. Visto que antes mesmos dessas pessoas trabalharem como feirantes, elas trabalhavam na esfera pública ou privada. Sendo que alguns trabalham informalmente no comércio local ou vendendo perfumes, roupas e bijuterias. Assim, segundo a amostra entrevistados, a clientela tem diminuído com decorrência da mudança de local da feira o que torna esse setor informal crescente.

Os feirantes tiveram ao decorrer dos séculos que se adequar às mudanças na sociedade e as demandas que veio junto com a evolução, a empregabilidade de tecnologia é progressiva e tem marca na feira, A utilização de máquinas de cartão de crédito e o uso das redes sociais para expandir e atender da melhor forma os clientes é uma marca da evolução tecnológica na feira do Rio Largo.

Na feira da cidade do Rio Largo os feirantes se mostram vistosos e demonstrar união entre si. A clientela é diminuiu por advento da mudança do local da feira e segundo relatos dos feirantes seus produtos tem que ser os melhores pois com a infraestrutura da feira o cliente pode percorrer a feira em buscar dos produtos com melhor custo benefício.

A prefeitura da cidade de Rio Largo possibilitou que feirantes de diversas cidades do Estado de Alagoas pudessem se incluir na feira, os produtos vendidos por esses feirantes são diversas variedades e tem origens diferentes. Mas feirantes podem também ser denominados pelos produtos que vendem. Quando dispõem de espaço próprio para vender alimentos prontos podem ser conhecidos como “barraqueiros”

(PANDOLFO, 1987). Quando comercializam produtos da agroindústria doméstica como rapadura e farinha, com “a convicção que seus produtos eram os melhores do mundo”, podem ser “ferreiros” (ANTUNES JUNIOR, 1976).

Muitos dos feirantes trabalham na feira desde de criança, a vida dessas pessoas é dedicada a venda de produtos na feira. A tabela<sup>3</sup> mostra a média do tempo de trabalho dos feirantes da amostra na feira do Rio Largo é de 21,8 anos, ou seja, 29% trabalham a menos de 10 anos e isso inclui os maios jovens que entraram no ramo da feira para ajudar a família que já estava inserido naquele meio ou os jovens que utiliza da feira para arrecada dinheiro que vai servir para sustentar si próprio.

**Tabela 3.** Tempo trabalhando na feira dos feirantes da cidade do Rio Largo

Tempo trabalhando na feira	Nº de pessoas
Menos de 10 anos	11
De 11 a 20	10
De 21 a 30	11
Acima de 30 anos	6
Total	38

Fonte: Os autores, 2020.

Na faixa de 11 a 20 anos encontrasse 26% dos feirantes de 21 a 30 anos corresponde a 29% dos feirantes é observado que nessa faixa de idade estão os filhos dos feirantes mais antigos que seguiu a profissão da geração passada da famílias dessas pessoas, e por fim os feirantes que estão a mais de 30 anos trabalhando corresponde a 16% dos feirantes, o público que está inserida nessa faixa tem histórico de aposentadorias mas mesmo alguns deles permanecem realizando a atividade de feirante por passa tempo e para complementar a renda. Observando esses dados da amostra, nota-se o indicativo que a quantidade de jovens feirantes está aumentando enquanto o número de idosos vem diminuindo.

Nesse sentido, os feirantes são personagens ativos das feiras, são modeladores das paisagens da cidade do Rio Largo e estão no imaginário do povo rio-larguenses com produtos de qualidade, simpatia e um instinto acolhedor eles levar alegria e sabor para a mesa dos moradores e visitantes da cidade do Rio Largo.

A relação entre os feirantes antigos com os feirantes mais novos é diferente, pois os feirantes que está na feira a mais tempo ele observa de forma diferente a feira, a

ligação com seus clientes e a rotina dos dias de feiras. Já os mais jovens não têm um apego pela feira com os mais experientes possui, os mais antigos muitos deles convivem desde de criança na feira pois seus pais e avós trabalhava como feirante. Esse fenômeno não é observado nos feirantes mais novos, pois muitos deles tornaram se feirante por conta que não tiveram oportunidades para desempenhar outra atividade econômica.

## AS VARIANTES DOS SETORES E SEUS PRODUTOS

Na feira existe três pontos principais, o vendedor, o comprador e o produto, onde cada vendedor busca sua mercadoria em questão de uma forma, a feira do município de Rio Largo nos retrata um leque de variedades em seus produtos sendo pecuários, agrícolas, vindos de artesões (artesanato), artigos de vestuário/acessórios, frutas, etc. Com a pesquisa realizada em uma amostra de 38 feirantes, foi de fundamental importância para obter os dados de como esses feirantes obtêm seus produtos e quais produtos presentes na amostra pesquisa.

Com isso, de acordo com o Atlas da questão agrária, vemos que os produtos agropecuários ganhando um destaque na Feira, onde estes produtos consistem em um conjunto que derivam de atividades primárias. Pois estão ligadas ao cultivo de plantas, sendo caracterizadas como agricultura. E as criações de animais que são relacionadas como pecuária trazendo as mesmas para fins de consumo humano, ou para o fornecimento de matérias-primas como por exemplo a fabricação de roupas, produtos de beleza e entre outros produtos que a mesma pode ser utilizada.

Na feira foi observada justamente esta distribuição de produtos conforme a tabela 4 onde a mesma mostra a presença ou ausência destes produtos em cada setores, por meio agrícola ou pecuário vindos, da agroindústria e da indústria têxtil, e com ela, pode-se saber quais setores dominam mais.

**Tabela 4.** Presença (1) Ausência (0) dos produtos e sua origem

Produto	Agrícola	Pecuário	Agroindústria	Roupas e Acessórios
Feijão	1	0	0	0
Banana	1	0	0	0
Frutas	1	0	0	0
Hortaliças	1	0	0	0
Carne Bovina	0	1	0	0
Carne de Frango	0	1	0	0
Sururu	0	1	0	0
Camarão	0	1	0	0
Peixe	0	1	0	0
Ovos	0	1	0	0
Tempero e Ervas	1	0	0	0
Queijo e Bolacha	0	0	1	0
Farinha	0	0	0	1
Roupas	0	0	0	1
Bijuterias				

Fonte: Os autores, 2020

Logo, pode-se notar na amostra analisada que há setores que dominam mais, que são justamente os setores agrícola que são as frutas, legumes, hortaliças, as ervas e todo aqueles produtos vindos da agricultura e os pecuários como ovos, frango, peixes e todos os produtos vindos da pecuária onde este são os dominantes na amostra estudada.

Tendo os produtos separados por grupo facilita, saber onde os vendedores obtêm as suas mercadorias, conforme a tabela 5 mais adiante, é observado como os produtos chegam aos vendedores para serem vendidos na feira, onde vem de várias maneiras, através de atravessadores, CEASA (Centro Estadual de Abastecimento AS) em Maceió, Alagoas mas onde nesta a uma variedade gigantesca.

Assim, nota que os vendedores compram suas mercadorias mais de outra formas que são justamente os feirantes de roupas e acessórios que compram em polos tendo as fabricas têxteis, os polos de comercio de roupas em atacado e varejo que principalmente em Pernambuco que é o caso de Caruaru, Toritama e Santa Cruz. Tendo algumas exceções de vendedores de frutas que compram em Petrolina. Dessa forma, também se destaca os atravessadores que muitos vendedores compram as mercadorias destas pessoas, onde os mesmos vendem na Feira. Assim, vemos na tabela 5 que a dominância de outras formas e dos atravessadores é maior. Tendo em vista que são 7 pegam suas

mercadorias de outras formas, 4 são atravessadores, 3 do CEASA e 1 por meio do campesinato. Além disso, vale ressaltar que esse último, toda sua família se beneficia vendendo na feira com produtos próprios, caracterizando um dos pontos de clientes optarem pela feira livre, pois compra direto do produto.

**Tabela 5.** Presença (1) Ausência (0) Os produtos e as formas que os vendedores os conseguem.

Produtos	Formas onde os Vendedores Conseguem os Produtos			
	Atravessadores	Ceasa	Campesinato	Outras formas
Feijão	0	0	1	0
Banana	0	0	1	0
Frutas	1	1	0	0
Hortaliças	0	1	0	0
Carne Bovina	0	0	0	1
Carne de Frango	0	0	0	1
Sururu	1	0	0	0
Camarão	1	0	0	0
Peixe	1	0	0	0
Ovos	0	1	0	0
Tempero e Ervas	0	0	0	1
Queijo e Bolacha	0	0	0	1
Farinha	0	0	0	1
Roupas	0	0	0	1
Bijuterias	0	0	0	1

Fonte: Os autores, 2020.

Com a modernidade a produção camponesa passou a sentir certas dificuldades em vender seus produtos muitas vezes por causa da distância, logo, não era possível então vende-los, então o atravessador, esta pessoa intermediaria que que fica entre quem produz e a pessoa que irá vender nestas feiras livres onde, “ Tornava-se, assim, necessário intermediário... que passou a figurar entre o produtor e o consumidor. Assim, o produtor perdia o contato com os consumidores e perdia também a visão do próprio mercado” OLIVEIRA (2007, p. 18). Ou seja, o mesmo compra dos camponeses o produto barato, passando para aquele que irá vender ao consumidor o valor maior do que ele comprou, assim o mesmo adquire, mais lucro. Nesse sentido, de 36 entrevistas realizadas 40% da amostra utilizada são os produtos que são comprados pelos feirantes por atravessadores.

O campesinato estava presente em 2% da amostra analisada, tendo assim, a família toda trabalhando em conjunto e vendendo os seus próprios produtos. O camponês vive em uma sociedade capitalista, mas ele não tem relações capitalistas, pois o capitalista tem seu trabalho coletivo onde o mesmo compra a mão-de-obra porém as suas conquistas são individuais onde se apropria da mais-valia, justamente ao contrário do camponês que trabalha e consome coletivamente (OLIVEIRA, 2012).

Outro ponto importante é o CEASA, haja vista que os feirantes de Rio Largo vão até a mesmo para adquirirem seus produtos. Logo, para entender esse centro de abastecimento, consiste compreender que em 1970 o comércio de hortifrutigranjeiros era praticado em mercados que não havia nenhum tipo de regulamentação e nem de higiene como afirma a história do CEASAS do país. Desse modo, em 1972 foi criado o SINAC (Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento), nesse momento, o mercado começa a se organizar tendo o produtor e o atacadista a oportunidade de trabalhar em um espaço limpo e neste momento Os Centrais Estaduais de Abastecimento começam a serem construídas sendo empresas estatais ou de capital misto (público e privado), destinadas a aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortigranjeiros.

Nesse sentido, como observado na tabela 5, 3 dos feirantes (cerca 10%) da amostra utilizada para este trabalho, possui os produtos por meio do CEASA, localizado no bairro da Forene em Maceió, Alagoas. Assim, os trabalhadores são abastecidos nessa central, comprando e então, comercializam estes produtos na Feira de Rio Largo

Outras formas dos feirantes conseguirem suas mercadorias, principalmente os de roupas e acessórios, é no agreste de pernambucano, mais precisamente em Caruaru onde é uma das maiores feiras livres do mundo e nela está a feira da Sulanca, onde se encontram itens variados, como também Toritama conhecida como Capital do Jeans e Santa Cruz onde a mesma possuem um dos maiores shoppings atacadista da América Latina (LIRA, 2008).

Outro meio dos feirantes de frutas, em especial, comprarem suas mercadorias é o polo de Petrolina onde é reconhecido como uma das regiões de maior dinamismo econômico do Nordeste, onde a partir dos anos 1970, a região foi alvo de sucessivos investimentos públicos e privados, que resultaram em uma forte expansão do assalariamento formal. onde a mesma está na região de Pernambuco onde está associado a mudança hidrológico do rio São Francisco (LIRA et al., 2012), onde se tem solos férteis. Ademais, a fruticultura irrigada, do Vale do São Francisco tem uma

demanda de investimentos para a comercialização de frutas, motivadas pelo Governo Federal principalmente as que são de exportação, melhorando a infraestrutura logística da região, ocorrendo também em Juazeiro, Bahia. é reconhecido como uma das regiões de maior dinamismo econômico do Nordeste.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira é composta por produtos agrícolas, artesanato, artigos de vestuários e pecuários que atraem seus novos consumidores através do modo como utilizam para fazer a propaganda de seus produtos, atrair os clientes e através do preço estabelecido para a venda, os quais se tornam mais atraentes do que o valor do mesmo produto encontrado em outros centros de comercialização, como no caso dos supermercados e lojas.

A partir da análise de dados feita após a entrevista com uma amostra dos produtores da Feira Livre de Rio Largo, se percebeu que a maioria das pessoas que ali se encontram já tem um determinado tempo neste ramo, pois é uma forma de se conseguir obter uma renda e sustentar sua família. Conforme dito pela maioria deles, atualmente o salário de aposentadoria que muitos deles recebem, mal dá para se sustentar e é preciso ter uma renda extra para complementar o salário base que eles recebem.

Após os estudos realizados, foi possível perceber que a feira livre é vista como uma ação social para a comunidade. Pois, proporciona para a cidade um patrimônio cultural tendo em vista seu histórico. Assim, é um meio de comercialização com diversos produtos para a população, o que gera renda ao município.

Com a pesquisa foi possível notar que a feira livre de Rio Largo é um mercado que apresenta problemas infraestruturas relacionados com a organização e limpeza. A infraestrutura junto a organização da feira, apresentaram uma associação negativa, demonstrando serem responsáveis por afastar os consumidores desses locais e, por isso, necessitam especial atenção. Logo, os trabalhadores da feira de Rio largo, sentem esse fator no movimento das vendas.

Essas constatações indicaram um caminho para a proposição de ações, estratégias e desafios para atrair sua clientela. Visto que promovem o desenvolvimento

econômico, social e, ainda, fomentam a economia da cidade. Nesse sentido, a baixa fidelidade dos consumidores na nova localidade, tornou a expectativa dos feirantes com esse local, frustrada. Pois, pensavam que com a transferência de recinto, iriam ter mais clientes frequentando a feira livre, mas ocorreu o contrário.

Nesse sentido, evidências foram notadas através da amostra entrevistada que as melhorias devem ser implementadas e direcionadas com foco em questões estruturais (relativas ao ambiente) e na produção (no que diz respeito principalmente à apresentação do produto para a venda), de forma a valorizar as vantagens de se comprar nas feiras livres, quando comparadas a outros formatos de varejo de alimentos.

Dessa maneira, os feirantes da amostra trabalhada, travam lutas desde a antiga localidade. Visto que em seu passado recente, se lutava para ter um espaço adequado para as vendas de seus produtos. Agora, com o espaço desejado alcançado, o conflito é para se ter e manter uma infraestrutura do local assíduo. Além de muitos feirantes que ficaram sem barracas com a mudança da feira livre de Rio Largo, continuam na batalha para ter seu espaço de volta, visto que houve o aumento de 120 barracas. Logo, as lutas são diversificadas, mas para uma única causa, ter um ambiente adequado para se trabalhar.

## REFERÊNCIAS

1. ANDRADE, C. F.; **Estudo de planícies de inundação através da análise dos parâmetros hidráulicos do canal principal e sua influência na avaliação do risco fuzzy de enchentes**. 2006. 213 f. Tese (Doutorado em Engenharia Civil: Recursos Hídricos) -Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
2. BAIRRO DE MACEIÓ; **Santos do Dumont**; Disponível em: <http://www.bairrosdemaceio.net/>. Acesso em: 03 jan. 2020, 20:20:04
3. BEZERRA, M. S. O. **A importância do mercado público de Cubati/PB para o desenvolvimento da feira pública**. 2019. 34 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba, Graduação em Geografia, Campina Grande, 2019.

4. BIBLIOTECA IBGE - **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso: 21 jan. 2020, 14:30:01
5. BIBLIOTECA IBGE - **Rio Largo, Alagoas- Históricos**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso: Em 20 jan. 2020, 20:45:23
6. CENTRAIS DE ABASTECIMENTO DO RIO GRANDE DO SUL. **Ceasas do país**. Disponível em: <http://ceasa.rs.gov.br/> Acesso 28 jan. 2020, 7:30:15
7. DE LIRA, Sonia Maria. Os aglomerados de micro e pequenas indústrias de confecções do Agreste/PE: um espaço construído na luta pela sobrevivência. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 23, n. 1, p. 98-114, 2008.
8. EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **A fruticultura como vetor de desenvolvimento: o caso dos municípios de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA)**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/>. Acesso em 01 jan. 2020, 7:22:08
9. FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
10. GODOY, W. I. As feiras-livres de Pelotas, RS: estudo sobre a dimensão socioeconômica de um sistema local de comercialização. 2005. 284 f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.
11. GUIRANDI, E. **Atlas da questão agrária brasileira**. [SI]. Atlas da questão agrária brasileiro, [SI]. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/>. Acesso em: 29 jan. 2020, 10:30:11
12. MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 2, p. 72-87, 7 set. 2008
13. MOREIRA, R. Sociabilidade e espaço: as formas de organização geográfica das sociedades na era da terceira revolução industrial - um estudo de tendências. **Agrária (São Paulo. Online)**, n. 2, p. 93-108, 17 jun. 2005.
14. MOURA, A. A; MAGALHAES, E. R. Feiras e desenvolvimento: Impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **REVISTA BRASILEIRA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO**, ISSN 2317-2363. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd>. Acesso em: 29 dez. 2019.

15. OLIVEIRA, A. U. de. **Modo de produção capitalista, agricultura e Reforma Agrária**. 1<sup>o</sup> ed. São Paulo: Labur Edições, 2007, 185 p.
- SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & sociedade**, v. 19, n. SPE, p. 95-102, 2007.
16. PANDOLFO, Maria Lucia Martins. **Feira de São Cristóvão: A reconstrução do nordestino num mundo de paraíbas e nortistas**. 1987. Tese de Doutorado.
17. SANTOS, E. T.; MACHADO, L. C.; CLEPS, G. D. G. FEIRAS LIVRES EM UBERLÂNDIA (MG): UMA ABORDAGEM HISTÓRICA, ESPACIAL E CULTURAL. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.
18. SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **ESTUDO – COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIGRANJEIROS NO CEASA-AL ANÁLISE EVOLUTIVA DOS PRODUTOS HORTIGRANJEIRO**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em 29 jan. 2020, 17:00:01
19. VALENÇA, T. G. Circuito carioca de feiras orgânicas: um olhar geográfico sobre a expansão da comercialização de alimentos orgânicos na cidade do Rio de Janeiro. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016
20. VASCONCELOS FILHO, B. G. **A feira livre de Delmiro Gouveia, Alagoas, e seus feirantes**. 2019. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Agronomia, Universidade Federal de Alagoas, Centro de Ciências Agrárias, Rio Largo, Alagoas, 2019.
21. WANDERLEY, M. de N. B. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. In. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, 21, outubro, 2003: 42-.